

Exercícios de Revisão – 2

Leia o texto abaixo e responda às questões 1 e 2.

Andar com Fé

Gilberto Gil

Andá com fé eu vou
Que a fé não costuma faiá...

Que a fé tá na mulher
A fé tá na cobra coral
Ô! Ô!
Num pedaço de pão...

A fé tá na maré
Na lâmina de um punhal
Ô! Ô!
Na luz, na escuridão...

(...)

A fé tá na manhã
A fé tá no anoitecer
Ô! Ô!
No calor do verão...

A fé tá viva e sã
A fé também tá pra morrer
Ô! Ô!
Triste na solidão...

Andá com fé eu vou
Que a fé não costuma faiá
Ô Minina!
Andá com fé eu vou
Que a fé não costuma faiá...

(...)

Certo ou errado até
A fé vai onde quer que eu vá
Ô! Ô!
A pé ou de avião...

Mesmo a quem não tem fé
A fé costuma acompanhar
Ô! Ô!
Pelo sim, pelo não...

(Gilberto Gil. Disponível em: <http://letras.mus.br/gilberto-gil/46184/>)

1. Embora a música de Gilberto Gil se aproxime da arte barroca ao pôr em foco a questão da fé, há outros elementos que a distanciam da mesma, como:

- a) a crença de que a fé não necessariamente precisa estar vinculada à doutrina cristã.
- b) a fé depositada na figura feminina, que precisa de salvação.
- c) a crença na possibilidade de a fé ser infalível.
- d) o fato de a fé estar sempre relacionada a elementos luminosos.
- e) o fato de o eu lírico ser movido pela razão, que se sobrepõe à fé.

2. As manifestações artísticas barrocas são marcadas por um acentuado jogo de oposições. Levando-se em conta essa afirmação, deixa-se de identificar como versos tradicionalmente barrocos:

- a) “A fé tá na manhã
A fé tá no anoitecer”
- b) “A fé tá viva e sã
A fé também tá pra morrer”
- c) “Que a fé tá na mulher
A fé tá na cobra coral”
- d) “A fé vai onde quer que eu vá
Ô! Ô!
A pé ou de avião...”
- e) “A fé costuma acompanhar
Ô! Ô!
Pelo sim, pelo não...”

3. Gregório de Matos foi um poeta multifacetado: escreveu poemas lírico-amorosos, religiosos, satíricos e até mesmo eróticos. São também exemplos da poesia satírica do poeta os versos:

- a) “Que falta nesta cidade? Verdade.
Que mais por sua desonra? Honra.
alta mais que se lhe ponha? Vergonha.”
- b) “Se és fogo como passas brandamente,
Se és neve, como queimas com porfia?
Mas ai, que andou Amor em ti pudente!”
- c) “Bela Floralva, se Amor
me fizesse abelha um dia,
em todo tempo estaria
picando na vossa flor.”
- d) “Ofendi-vos, meu Deus, é bem verdade,
É verdade, Senhor, que hei delinquido,
Delinquido vos tenho, e ofendido,

Ofendido vos tem minha maldade.”

- e) “A vós, divinos olhos, eclipsados
De tanto sangue e lágrimas abertos,
Pois, para perdoar-me, estais despertos,
E, por não condenar-me, estais fechados.”

Leia os textos abaixo e responda às questões 4 e 5.

Texto I

Quanto mais gente, melhor

Com a experiência de quem já visitou e estudou quase todas as grandes metrópoles do mundo, entre elas São Paulo, o economista americano Edward Glaeser, 44 anos, se baseia em cálculos e estatísticas para provar que o mais desejável para o ser humano é viver nas cidades. “Sem elas, a evolução humana jamais teria sido possível. E é também nelas que está o futuro da nossa espécie”, afirma. Professor da Universidade de Havard, onde dirige um centro de pesquisas e assessoria em políticas públicas, Glaeser é autor do best-seller *Os Centros Urbanos: a Maior Invenção da Humanidade*, em que demole a visão idílica do campo e aponta os benefícios da vida nas grandes concentrações de gente das metrópoles. Glaeser participa nesta semana como palestrante do Arq.Futuro, o concorrido encontro dos maiores arquitetos do mundo realizado no Rio de Janeiro.

Como o senhor rebate a turma que o considera um idealista do indefensável, a qualidade de vida nas grandes cidades?

Ao contrário desses que se se deixam levar por uma visão romanceada da vida longe das zonas urbanas, eu prefiro olhar os números. Eles mostram claramente que, sob diversos aspectos essenciais para a existência humana, não há lugar melhor para viver do que em uma grande cidade. Pois é justamente em ambientes de enormes aglomerações que os mais variados talentos podem conviver e aprender entre si, potencializando ao máximo sua capacidade criativa e inovadora. Aumentam assim, exponencialmente, as chances de ascender, ganhar mais e ter acesso ao que há de mais avançado.

(Veja. 28 de mar. de 2012.)

Texto II

Já se afastou de nós o Inverno agreste
Envolto nos seus úmidos vapores;
A fértil Primavera, a mãe das flores
O prado ameno de boninas veste:

Varrendo os ares o sutil nordeste
Os torna azuis: as aves de mil cores
Adejam entre Zéfiros, e Amores,
E torna o fresco Tejo a cor celeste;

Vem, ó Marília, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza,
Destas copadas árvores o abrigo:

Deixa louvar da corte a vã grandeza:
Quanto me agrada mais estar contigo
Notando as perfeições da Natureza!

(BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. *O delírio amoroso e outros poemas*. Porto Alegre: L&PM, 2004. P. 27)

4. O pensamento do economista Edward Glaeser se contrapõe nitidamente aos valores artístico-culturais disseminados por inúmeros artistas, como o poeta português Bocage, e filósofos do século XVIII, como Jean Jacques Rousseau, defensor da tese de que o ser humano é bom por natureza, mas é corrompido pela civilização. Dentre os lemas apresentados pela arte desse período, aquele que se opõe à opinião do economista é:

- a) *Ora et labora* (reza e trabalha) – divisão do tempo entre a oração e o trabalho, quer seja manual ou intelectual.
- b) *Locus horrendus* (gosto pelo grotesco) – valorização de elementos macabros.
- c) *Inutilia truncat* (cortar o inútil) – contra os exageros, o rebuscamento, a extravagância do Barroco.
- d) *Carpe diem* (aproveita o dia) – desejo de fruição dos prazeres da vida.
- e) *Locus amoenus* (lugar ameno) – a natureza aprazível e dedicada, único lugar onde o homem poderia ser feliz.

5. Um lema também muito difundido pela arte do século XVIII foi o *aurea mediocritas*, que pregava uma vida medíocre materialmente, mas rica em realizações espirituais. Ou seja: representava a idealização de uma vida pobre e feliz no campo, em oposição à vida luxuosa e triste na cidade. Dentre as opções abaixo, todas extraídas de poemas da época em questão, a sequência de versos que se opõe ao ideal de ascensão social buscado nas grandes metrópoles e defendido pelo economista Edward Glaeser, em entrevista concedida à revista *Veja* é:

- a) “Quando cheios de gosto, e de alegria / Estes campos diviso florescente, / Então me vêm as lágrimas ardentes / Com mais ânsia, mais dor, mais agonia” (Cláudio Manuel da Costa)
- b) “Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro / fui honrado pastor da tua aldeia; / vestia finas lãs e tinha sempre / a minha choça do preciso cheia.” (Tomás Antônio Gonzaga)
- c) “De que servirão tantas / tão saudáveis leis, sábias e santas, / se, em vez de executadas, / forem por mãos sacrílegas frustradas?” (Alvarenga Peixoto)
- d) “Se o bem desta choupana pode tanto, / Que chega a ter mais preço, e mais valia, / Que da cidade o lisonjeiro encanto;” (Cláudio Manuel da Costa)
- e) “Neste bosque alegre e rindo / Sou amante afortunado, / E desejo ser mudado / No mais lindo Beija-flor.” (Silva Alvarenga)

6. Leia o texto abaixo e responda à questão.

Texto I

(...)

Eia! Estamos na Bahia,
onde agrada a adulação,
onde a verdade é baldão,
e a virtude hipocrisia:
sigamos esta harmonia

de tão fátua consonância,
e inda que seja ignorância
seguir erros conhecidos,
sejam-me a mim permitidos,
se em ser besta está a ganância.

(MATOS, Gregório de. *Seleção, introdução e notas: José Miguel Wisnik. Poemas escolhidos. São Paulo: Cultrix. p. 63 a 65.*)

Texto II

Ah! tu, meu Sancho Pança, tu que foste
de Baratária o chefe, não lavraste
nem uma só sentença tão discreta!
E que queres, amigo, que suceda?
Esperavas, acaso, um bom governo
do nosso Fanfarrão? Tu não o viste
em trajes de casquilho, nessa corte?
E pode, meu amigo, de um peralta
formar-se, de repente, um homem sério?
Carece, Doroteu, qualquer ministro
apertados estudos, mil exames.
E pode ser o chefe onipotente
quem não sabe escrever uma só regra
onde, ao menos, se encontre um nome certo?

(GONZAGA, Tomás Antônio. *Cartas chilenas. Disponível em:*

<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/autores/tomazagonzaga/chilenas/cartaschilenas.html#CARTA2>)

Gregório de Matos é um dos principais poetas barrocos brasileiros, Tomás Antônio Gonzaga, um dos principais poetas de nosso Arcadismo. Os textos desses autores, destacados acima, apresentam temas que se afastam daqueles mais explorados por seus respectivos movimentos literários. Além disso, eles têm em comum a:

- a) ficcionalização da realidade.
- b) mitificação das figuras de poder.
- c) exaltação das grandes cidades.
- d) posição crítica com relação à realidade.
- e) negação da verdade objetiva.

Leia o texto abaixo e responda às questões 7 e 8.

O poeta moribundo

Poetas! amanhã ao meu cadáver
Minha tripa cortai mais sonora!
Façam dela uma corda, e cantem nela
Os amores da vida esperançosa!

Cantem esse verso que me alentava...
O aroma dos currais, o bezerrinho,
As aves que na sombra suspiravam,
E os sapos que cantavam no caminho!

Coração, por que tremes? Se esta lira
Nas minhas mãos sem força desafina,
Enquanto ao cemitério não te levam
Casa no marimbau a alma divina!

Eu morro qual nas mãos da cozinheira
O marreco piando na agonia . . .
Como o cisne de outrora... que gemendo
Entre os hinos de amor se enternecia.

Coração, por que tremes? Vejo a morte
Ali vem lazarenta e desdentada...
Que noiva!... E devo então dormir com ela?...
Se ela ao menos dormisse mascarada!

Que ruínas! que amor petrificado!
Tão antediluviano e gigantesco!
Ora, façam ideia que ternuras
Terá essa lagarta posta ao fresco!

Antes mil vezes que dormir com ela,
Que dessa fúria o gozo, amor eterno...
Se ali não há também amor de velha,
Deem-me as caldeiras do terceiro Inferno!

No inferno estão suavíssimas belezas,
Cleópatras, Helenas, Eleonoras;
Lá se namora em boa companhia,
Não pode haver inferno com Senhoras!

Se é verdade que os homens gozadores,
Amigos de no vinho ter consolos,
Foram com Satanás fazer colônia,
Antes lá que no Céu sofrer os tolos!-

Ora! e forcem um'alma qual a minha
Que no altar sacrifica ao Deus-Preguiça
A cantar ladainha eternamente
E por mil anos ajudar a Missa!
(Álvares de Azevedo)

7. O tema centra do poema “O poeta moribundo”, de Álvares de Azevedo, é a morte. No entanto, ela é representada de modo diferente de como costumava aparecer na segunda geração romântica – geração da qual faz parte o poeta. Isso fica claro principalmente por meio dos seguintes versos:

- a) “Enquanto ao cemitério não te levam
Casa no marimbau a alma divina!”
- b) “Coração, por que tremes? Vejo a morte
Ali vem lazarenta e desdentada...”
- c) “Ora! e forcem um'alma qual a minha
Que no altar sacrifica ao Deus-Preguiça”
- d) “Façam dela uma corda, e cantem nela
Os amores da vida esperançosa!”
- e) “Cantem esse verso que me alentava...
O aroma dos currais, o bezerrinho,”

8. Álvares de Azevedo é considerado o principal poeta da segunda geração romântica brasileira. No entanto, longe de se restringir a fazer poemas que seguiam à risca o protocolo ultrarromântico, Azevedo muitas vezes satirizou o Romantismo, utilizando-se de sua famosa ironia. Em “O poeta moribundo” essa sátira é feita principalmente por meio do(a):

- a) utilização de uma temática recorrente no Ultrarromantismo.
- b) emprego de uma forma regular, que o distancia dos poemas ultrarromânticos.
- c) humor, que fica claro em versos como “Minha tripa cortai mais sonora! / Façam dela uma corda, e cantem nela”.
- d) emprego de versos livres, que o contrapõe à rigidez formal ultrarromântica.
- e) repetição de artifícios retóricos românticos, como o emprego de exclamações e reticências.